



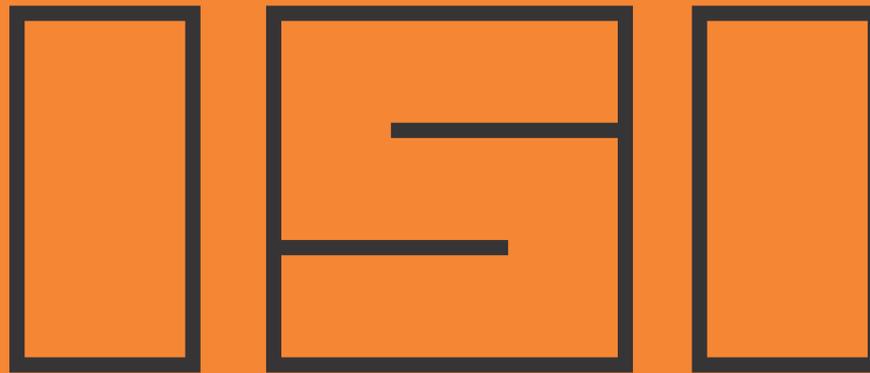
FERNANDO BRAUNE

QUINTO  
DE  
VEINTE  
AÑOS

EDITORIA



FERNANDO BRAUNE



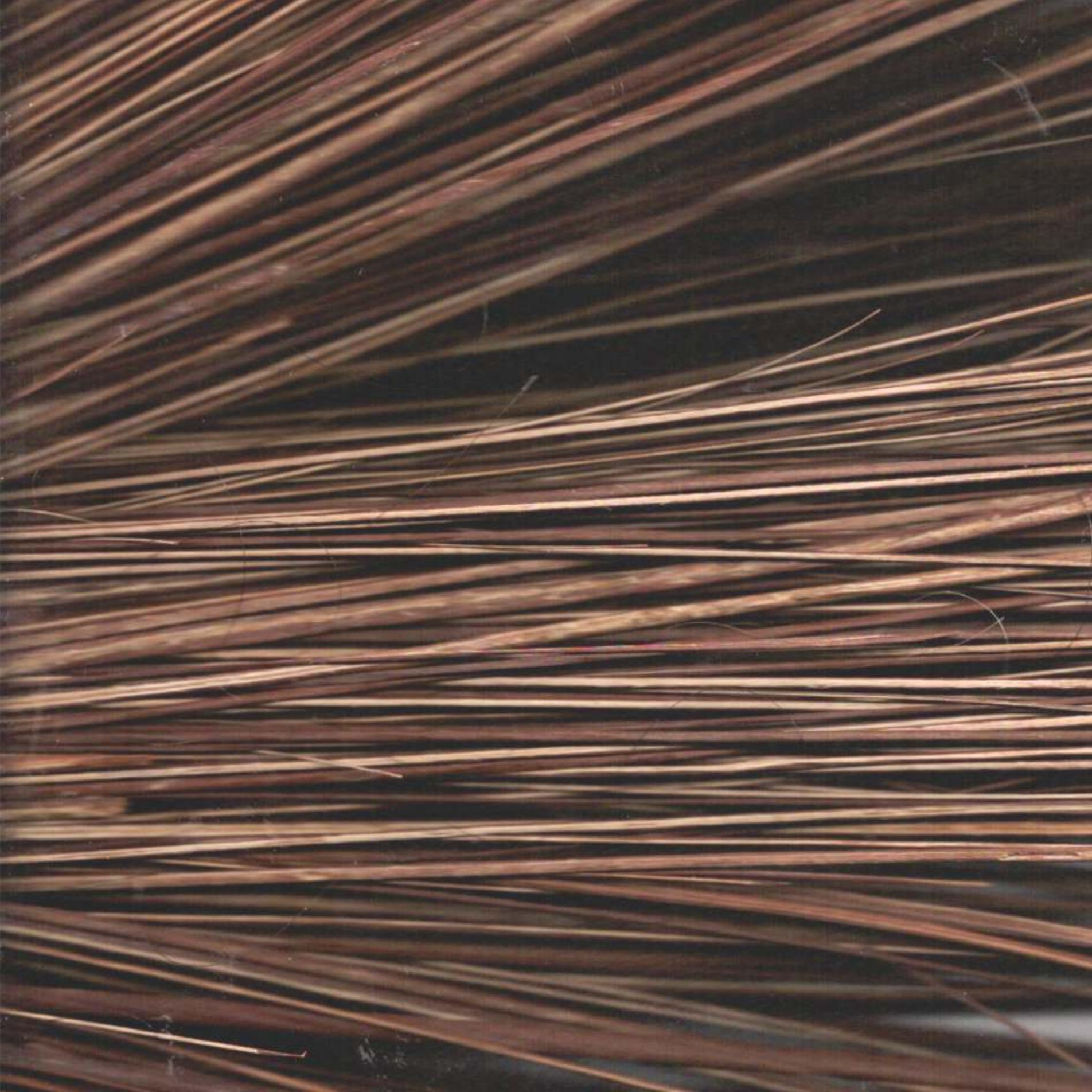
P O E M A E F O

FERNANDO BRAUNE

T O G R A F I A S



EDITORIA





AO “GARI”,  
QUE COM SEU  
ÁRDUO TRABALHO,  
NOS TORNA  
MAIS “LIMPOS”.



**Este projeto nasceu** das diversas conversas mantidas com “garis” de nossas cidades.

A minha mobilização veio, a partir das frequentes queixas dos “garis” em relação aos seus sentimentos de invisibilidade por parte das pessoas que circulam em suas áreas de atuação.



A invisibilidade pública dos “Garis”:

---

o desaparecimento do homem

---

entre outros homens.

Palco urbano

veia aberta que salta

ressalta em nossa cegueira

cegueira de alma, não de vista

à vista de todos.



Visão conturbada, deteriorada  
eco de uma voz que não há  
como estrépito ressoa  
surda que se faz  
em guetos voluntários  
urdidos em tecido vacilante, lasso...  
qual betume resinoso, negrume amolecido  
amorfa gelatina, filha do farol solar  
que escalda o chão, pela a pele  
segue reto sem entrar  
penetrar  
adentrar a quem deve  
raios de clarão  
solidão...



vácuo deixado nas cabeças de quem vê  
passa e descarta,  
olha e renega  
fragmentado, atomizado  
Hiroshima atualizado.  
Enclaves fortificados, com-domínios  
guetos-células de abrigo  
impotente solidão  
precários vínculos de faces nebulosas,  
confiscada mente  
mármore calcário esculpido  
escarrado  
de Carrara, de restos, farelos  
corroídos  
argila movediça que se abre  
espraiada, distendida  
no tecido esgarçadurbano



que de lenta corre afoita, solta, mole  
lava de vulcão que logo logo volta ao sólido  
máscara de Górgona,  
petrificada por ter sido olhada  
limbo do tempo, continuum memorial  
que submerge frente ao outro  
definha sem nome depois some  
nem brecha, nem fresta  
tudo se fecha  
no escaldante betume espesso  
cimento asfáltico de misturas complexas  
de elevada massa molecular





onde tudo acontece  
onde tudo se passa  
onde tudo se perde  
qual resíduo de descarte  
ganga sem proveito  
enxofre posto fora  
ali se dão as relações  
não se dão  
não se falam  
se desviam, atravessam, desafinam  
faz de conta, que conta  
passa reto, passa a régua



compasso emperrado no ângulo equivocado

4/4, 12/8, 3/4 compasso em desalinho

tempo sem unidade

em plena urbani cidade

falas sem ecos

ruídos no silêncio

leite que talha

ãoite à luz do dia

que se faz penumbra

negrume de carvão

chorume nauseante



que espalha, fere, decompõe

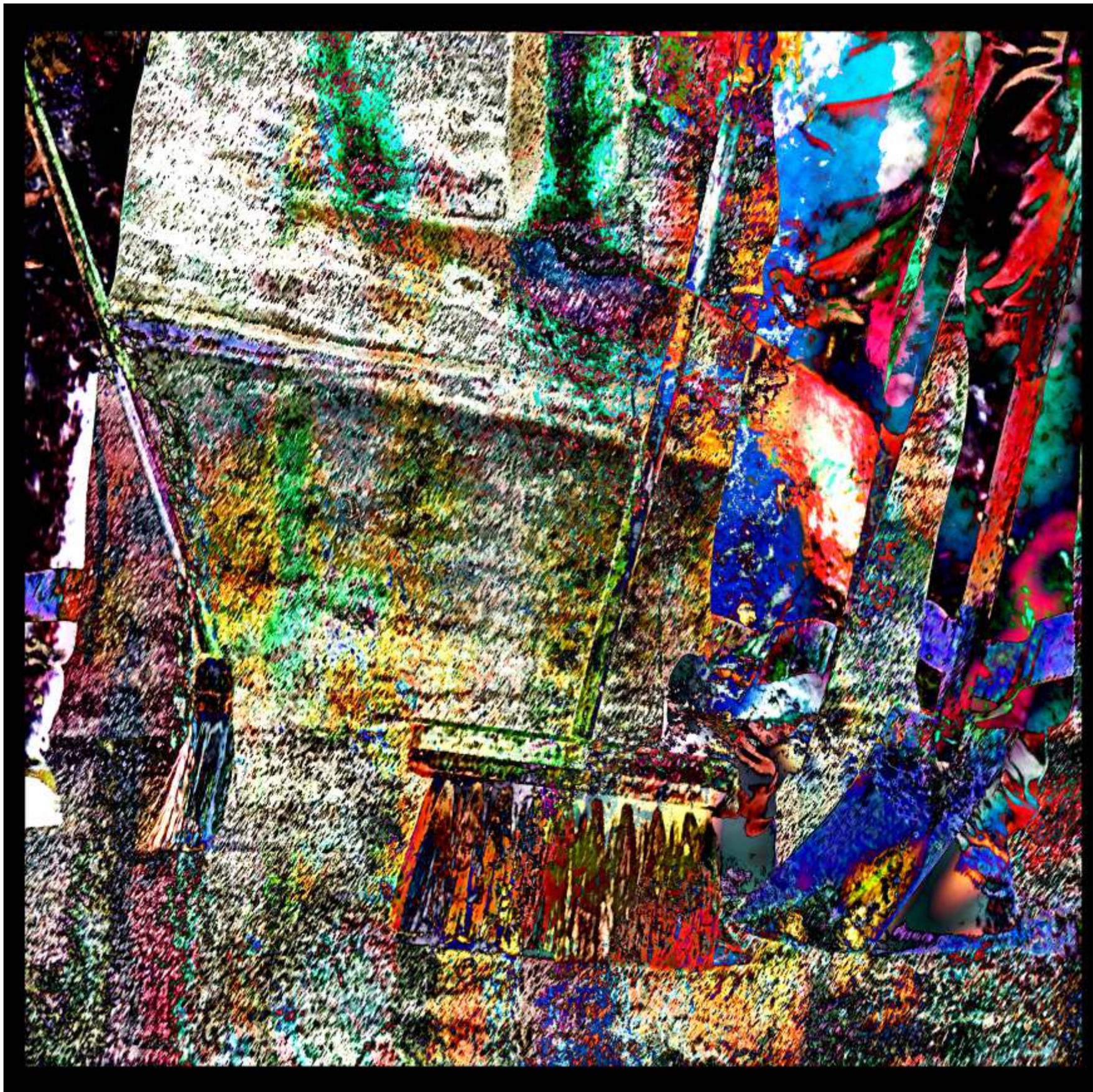
desintegra

tarde gris em verão sudanês

desalinhada, desarticulada

no medo

medo do outro, daquilo que não lhe pertence





que habita sua alma  
enchafurda suas entranhas  
salamandra aguerrida ao bote  
caça e presa a um só tempo  
cheiro de begônia/Chernobyl infectada  
distante, flor de manacá  
contíguo, vetores contaminantes



aderentes  
adentrantes, lógica indisfarçável  
aparente, inconsequente  
face dupla do deus Jano  
transitando ao sol e à sombra  
quereres e poderes  
ora o riso, dança ...  
coração nietzschiano sem freio  
no asfalto povoado de deuses  
no ardente betume queimado ao sol  
aos prazeres das convivências

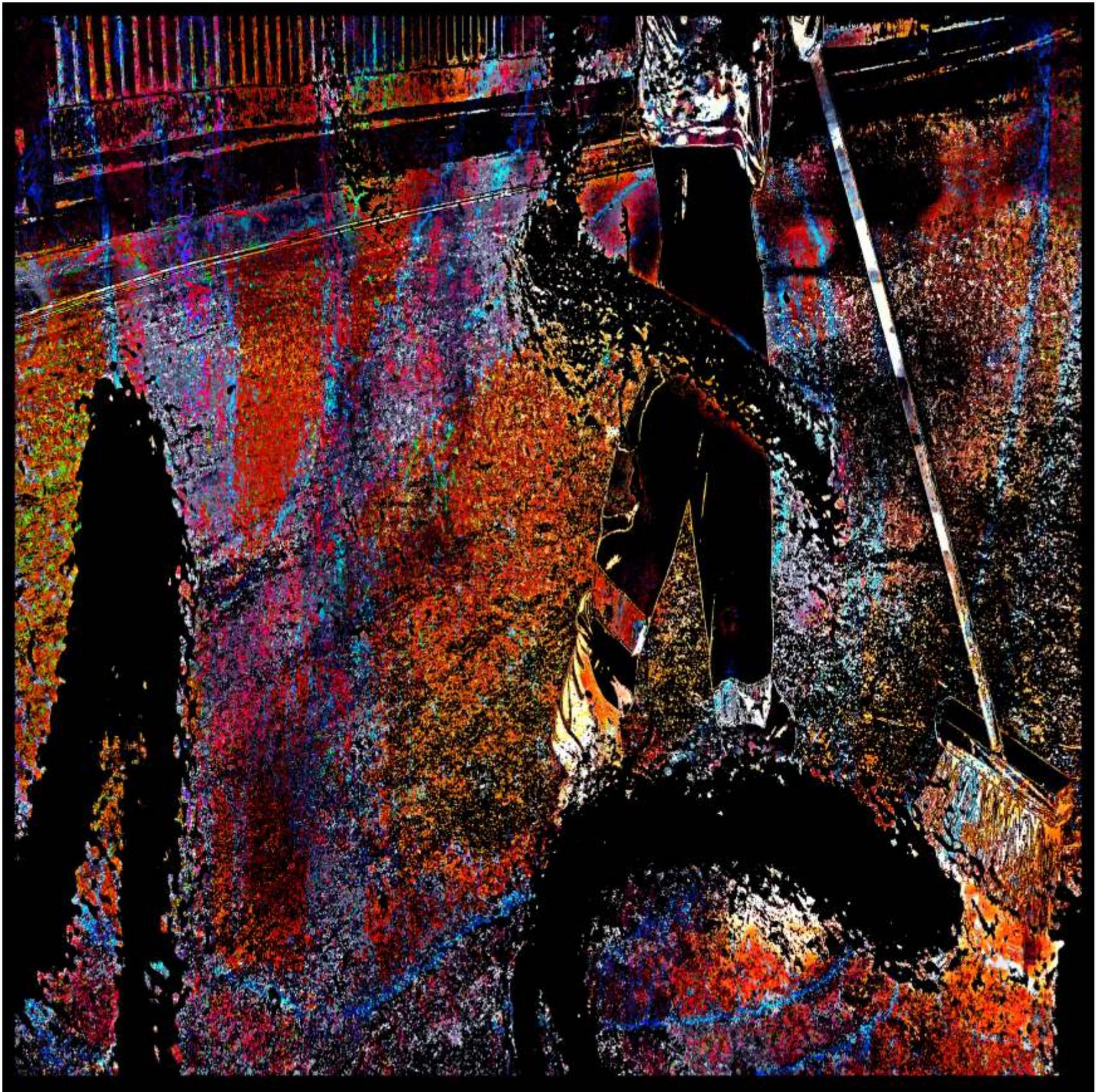






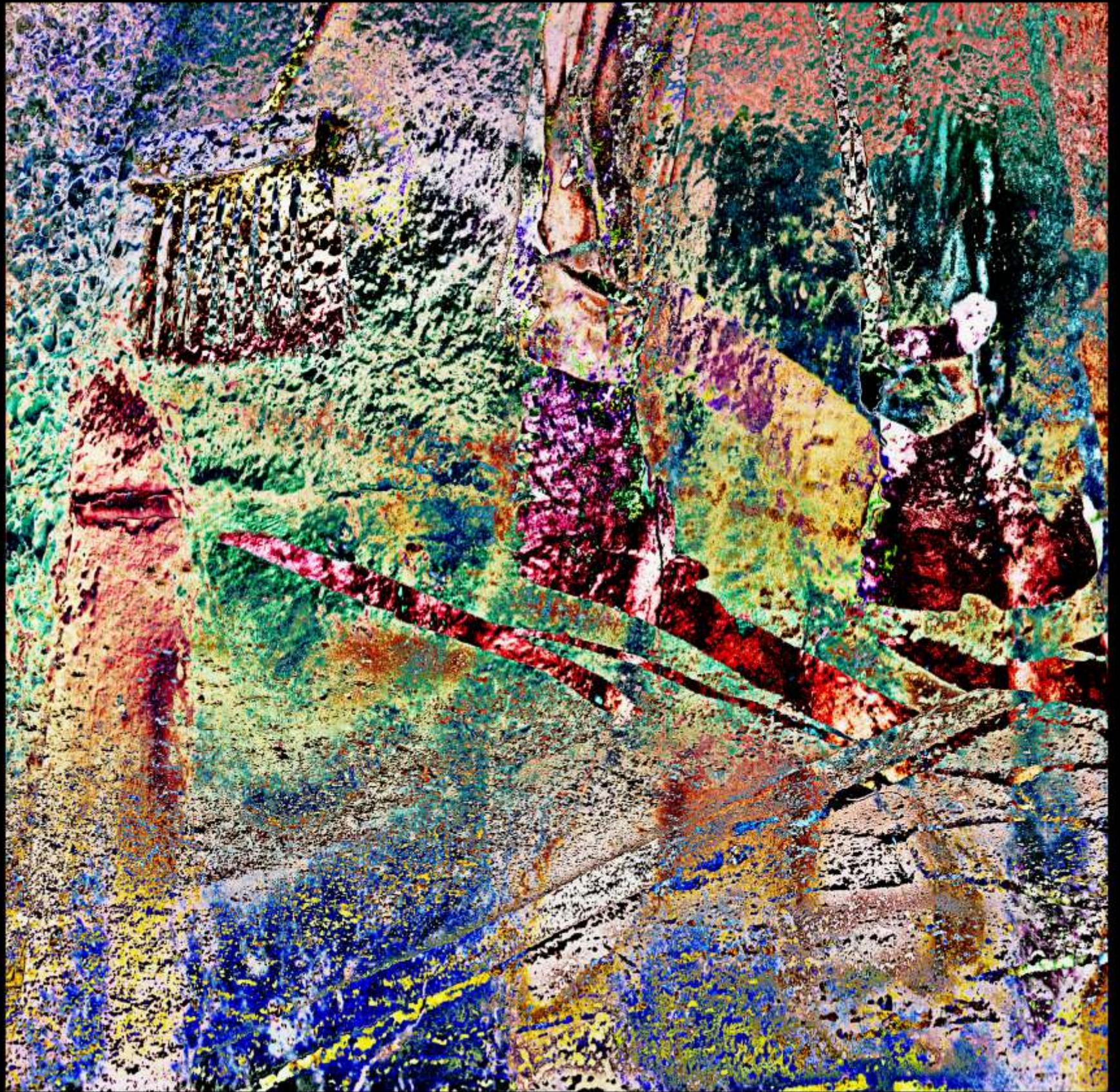


costurado entre moinhos e ventos  
em ponto macramê, fio duplo  
qual vestido de chitão  
cerzido à mão  
veio de lágrimas soltas  
no piche escuro  
leite e mel das escrituras  
canto da sereia sem mar  
tudo quer cantar  
ora o pranto, bloqueio...



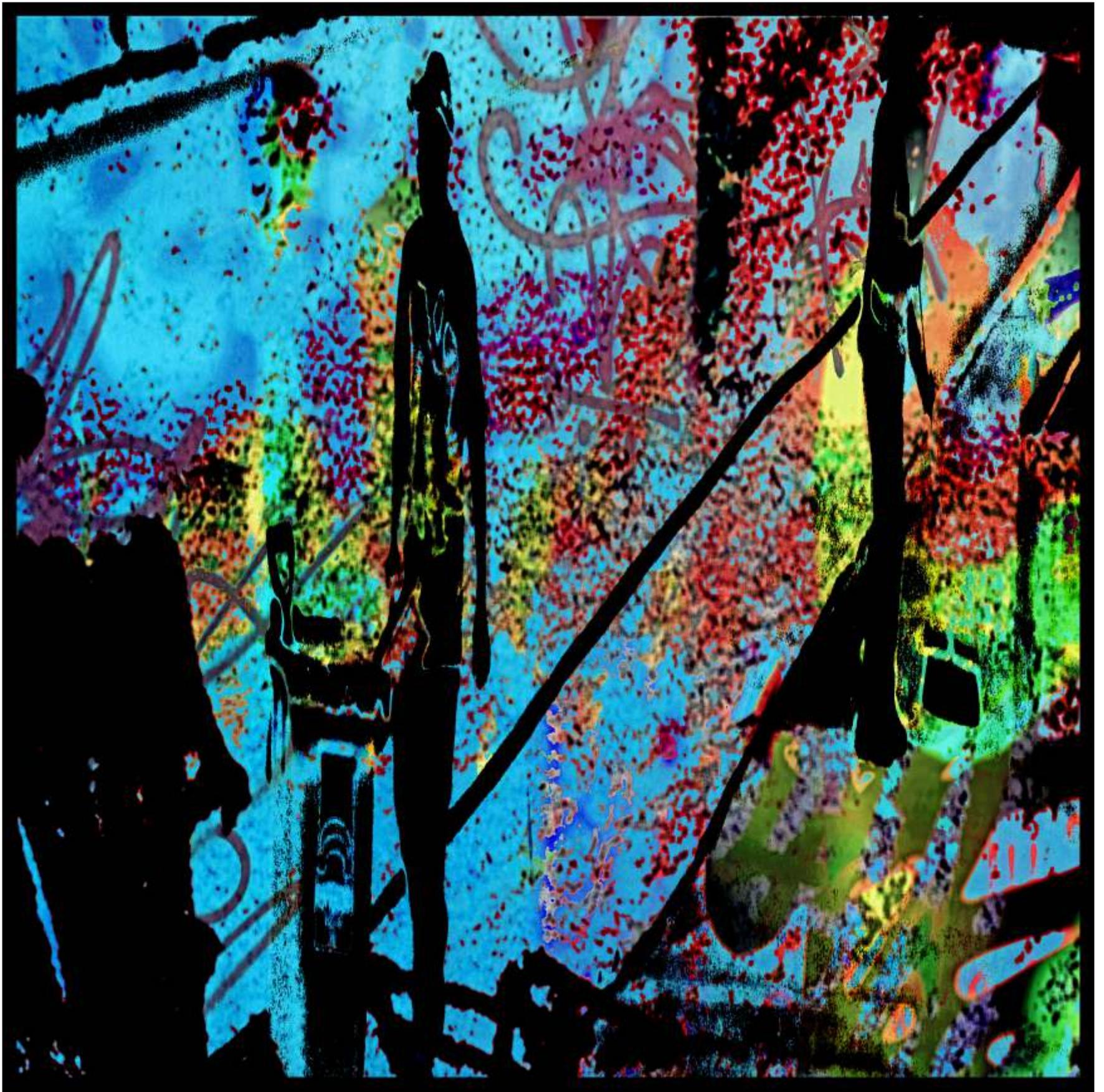


suspensão, interrupção  
o chão como pergunta  
sem resposta  
sem aposta  
bússola sem norte  
meridianos sem polos  
astrolábio sem estrelas  
vida embrulhada em mortalha  
qual limalha de ferro  
repelente ao magneto  
que foge, se esquiva  
mergulho agudo  
no contrassenso, contramão  
em tudo o que não se afina  
que não se destina  
deserto lugar, onde tudo começa  
tudo termina





fermento no trigo  
sem massa, sem forma  
sem pão  
gametas fecundando óvulos  
sementes de pólen  
geleia (ir)real  
de piche, de gente  
visão periférica  
cegueira arredia e noite  
de sertão  
breu em pleno dia  
céu de São João





um canto  
o ardil  
nó na garganta  
na gravata  
desvão e desvario.  
Pra lá do portão  
tudo é solidão  
peso de pedra  
grunhido de trem  
presa na espreita  
preso no estreito  
asfalto





nuvem de fumaça  
de camurça  
que tudo vela  
desilumina  
contrapasso  
contrapeso  
que cobre o solo  
cobre a gente  
não se descortina  
sublima  
como as cinzas deixam rastro  
do fogo que já foi





que a si se consumiu  
como o ninho, a quietura do que é  
o pólen, a semente que será  
ponto a ponto  
passo a passo.  
Se há cobertor  
garanto, houve frio  
fumaça, ... desconfio  
bruma que anoitece  
nossa mente  
escaldante coração  
de sangue frio  
arredio  
vão  
mar de carvão





chão de mariar  
que descolore o céu  
desalinha o fel  
ponta de grafite  
em betume diamante  
arremedo resedá  
em perfume de gardênia  
onde rolam as águas  
das chuvas  
que levam o lixo  
da gente  
levam a gente  
tragando resíduos  
da gente





limpando o que nos sobra  
nos incomoda  
nos tira o sono  
onde é nosso solo  
aglutinante escuro  
de estrutura sólida  
do petróleo bruto  
isolante, tenciona  
faz partir  
corta a carne  
sombra o sol  
cala a boca  
nó de estopa



adstringente, contrator

pedra-Hume

que não atenua

elimina ou faz curar;

adesivo, alivia

faz voltar

flor ilesa

véu de noiva

amaina, faz cessar

mel e açafão

cicatrizo, desinflama

medo noturno

dia soturno

que chega em franjas

âncora cravada

em areia movediça

caudaloso mar de sangue

adentrando veia torta

ruído cemitério



vago específico  
vazio até à borda  
sem eira nem beira  
qual  
lixos de asfalto  
que restam,  
reativos, corrosivos, tóxicos, patogênicos  
não-inertes  
só inertes a quem passa  
orgânico, inorgânico  
sem vida só a quem vê  
invisível olhar  
aos corpos que limpam, invisíveis  
inviáveis ...  
Corpos no asfalto  
sem almas, ... só almas  
que velam por nós  
atravessam por nós



tingem de pedra, pó, entulho  
detritos  
o que nos resta por dentro  
que nos avizinha à nossa própria periferia  
nosso lado cocho, mocho, de rapina noturna,  
que camufla o sol  
cintilante, ardente  
vulcão no asfalto quente.  
Se há lixo, há consumo  
e desmedido, fora da ordem  
abuso da vida precária  
vida que se faz líquida  
insegura, incerta  
prontidão da impotência e  
solidão  
frouxos laços  
definhamento de vínculos  
globalização às avessas



fio sem prumo

rumo

direção esquivada

no chão esgotado

coagulado

de-tritos, de-composição

da matéria humana, orgânica

metabólica, metafísica, metastática

de qualquer substância

artérias invadidas, fermentadas

do coalho do luxo

no limbo do lixo

plasma seminal a vagar

em fluxo sem saída

água amortalhando o céu

trinca em azulejo-nudéjar

dobra seca, vincada

colhendo, amealhando o resto

o que resta



contaminando, interferindo

o que é sono

o que ficou de etéreo

em noite veloz

sem meta

nem seta

qual emboscada

a peito nu

sem

brilho de cobre

adorno ou

tramela

salto mortal

em puro ar

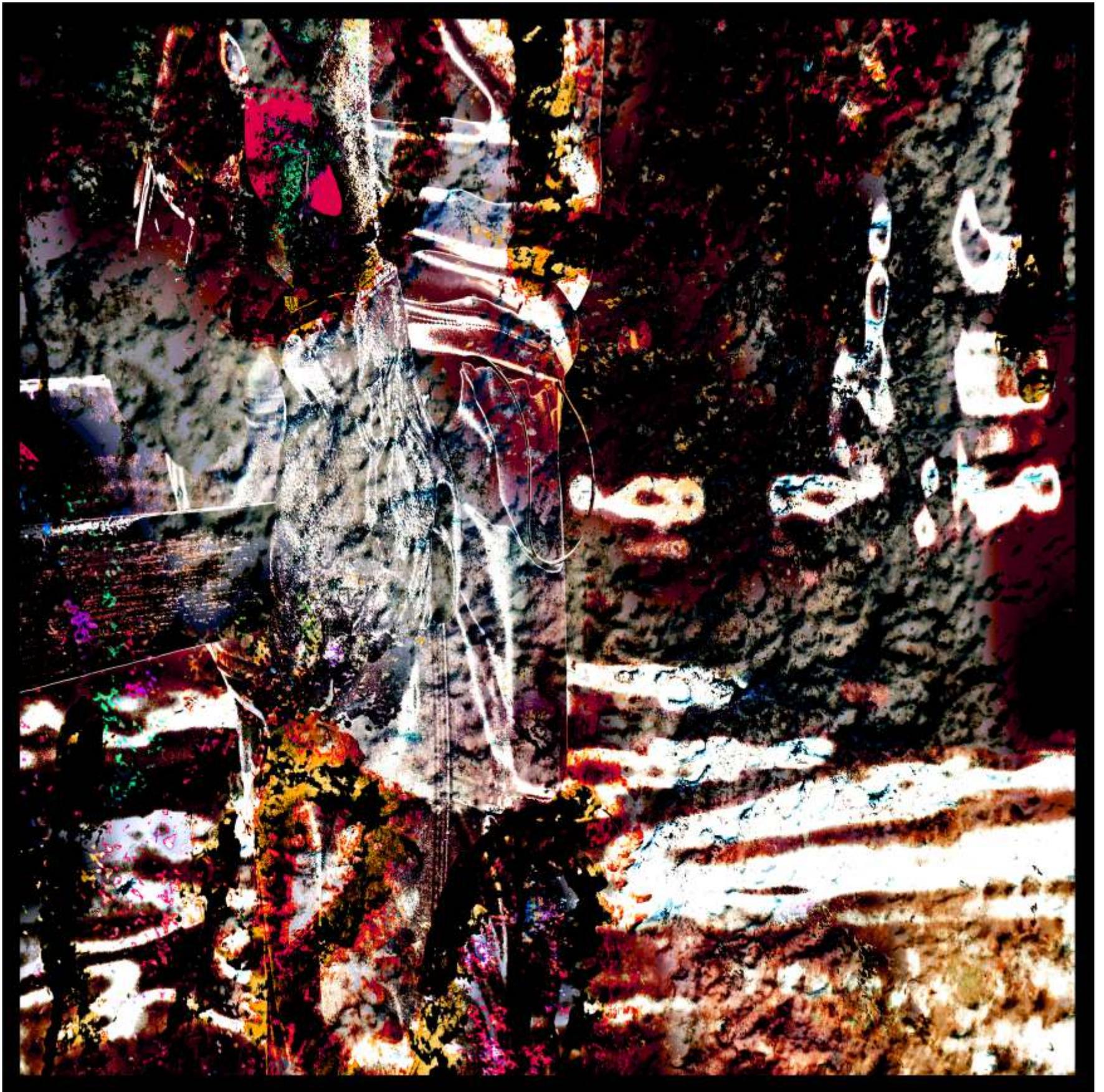
pleno hélio

calafrio de tenebrosas catedrais

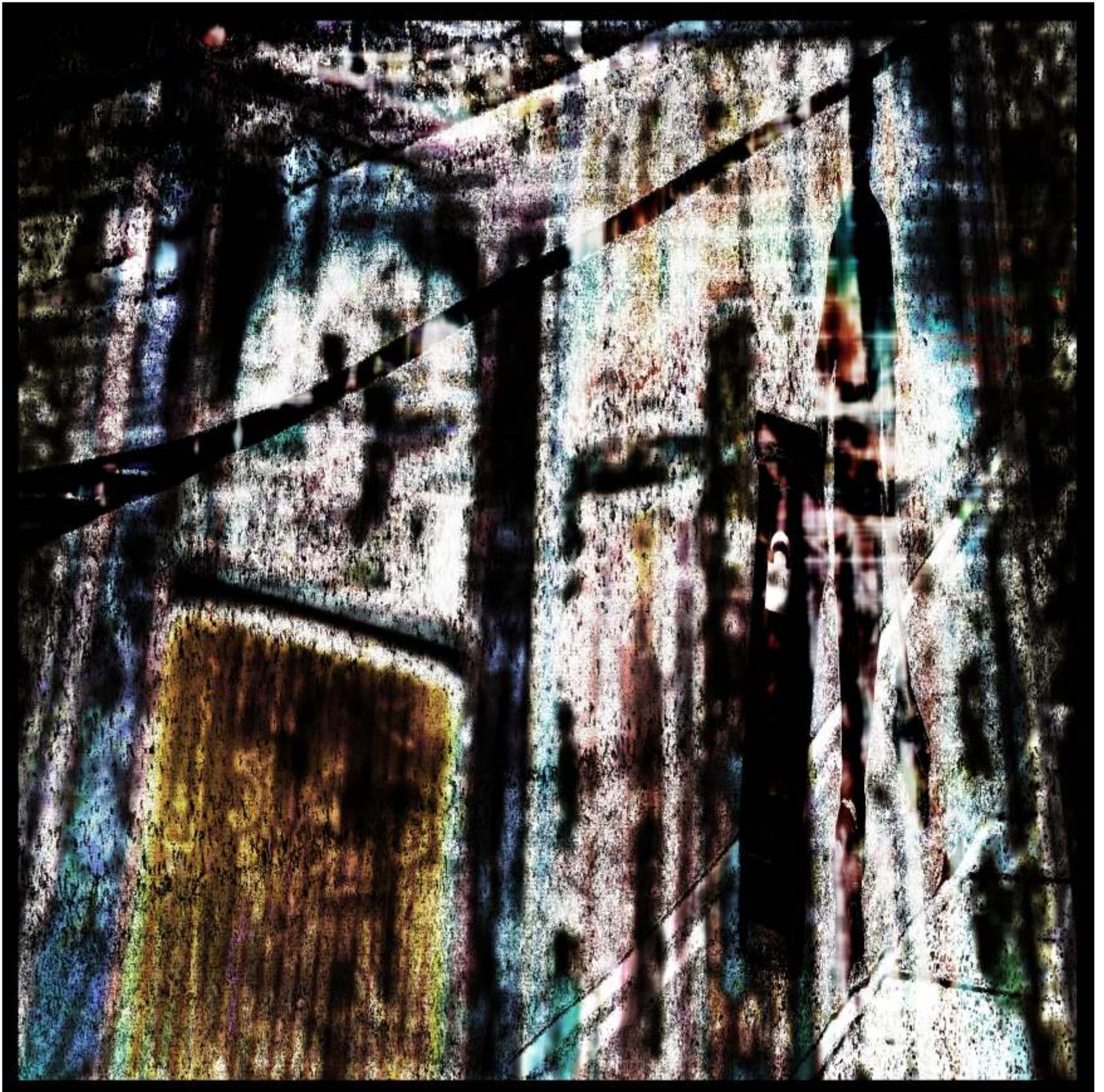
lancinante vertigem

dinamite

por um triz



rara vaga  
leme perdido  
tino arrefecido  
boca banguela  
com fome de ontem  
insone criatura  
gases nas entranhas  
vislumbre  
de nuvem prateada  
de bago do trigo  
do Santo Graal  
viso de forja  
de garapa da cana  
na cama,  
alforria do deus Thor  
foice de Cronos  
luz solar dos titãs  
espanto noturno  
seta que voe de dia





riso frouxo em  
boca de batom carmim  
revelando almas  
encanto e vergonha  
abraço apertado  
que ampara a alma  
deserto florido  
tulipa repousando em  
lençol matinal  
arco em íris  
após chuva madrigal  
lume, luz viva  
raio, relâmpago, trovão  
fenômeno convectivo  
surgimento da vida  
combustão  
corisco  
tempestade em luar intenso  
evocação de Ave Maria



erupções vulcânicas

dinâmica de mar

em estupor

flecha sagitária

cavalgada centaura

energia liberada

em golpe de martelo

pentatlo de Esparta

barco à deriva

geada invernal

olhar transversal

desejo que se esquiva

encarcerado qual

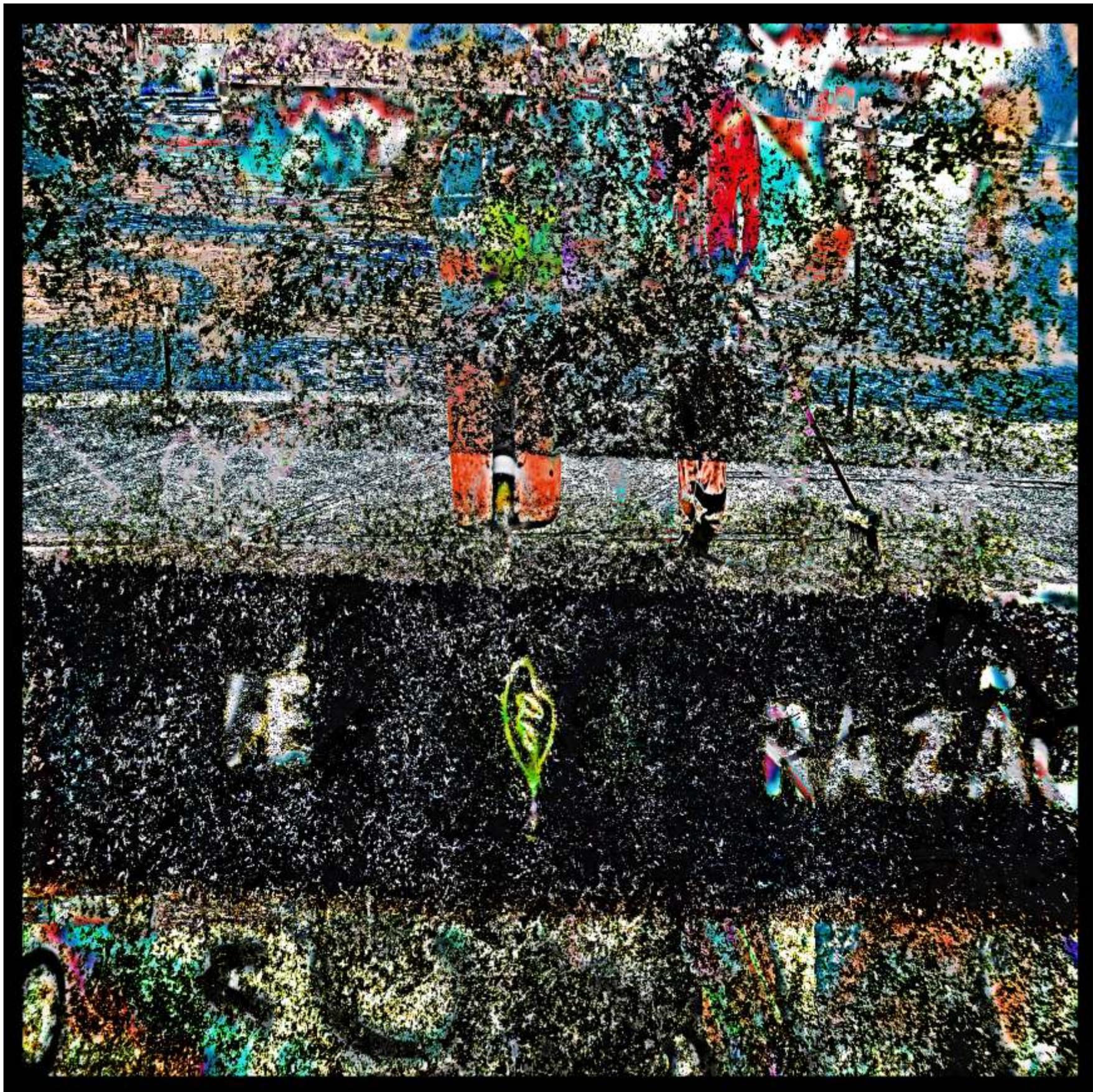
lágrima em regime de exceção

beija-flor em alçapão

veio aberto em prantos

cantos

tempestades de areia



Júpiter e Saturno

Urano noturno

planeta anão

Plutão

Éris ladrão

corpos além órbita

restauro do que se foi

se perdeu

no Petróleo ganindo

fingindo

muco viscoso

epitélio respiratório

constipação vulgar

rocha e gelo

degelo

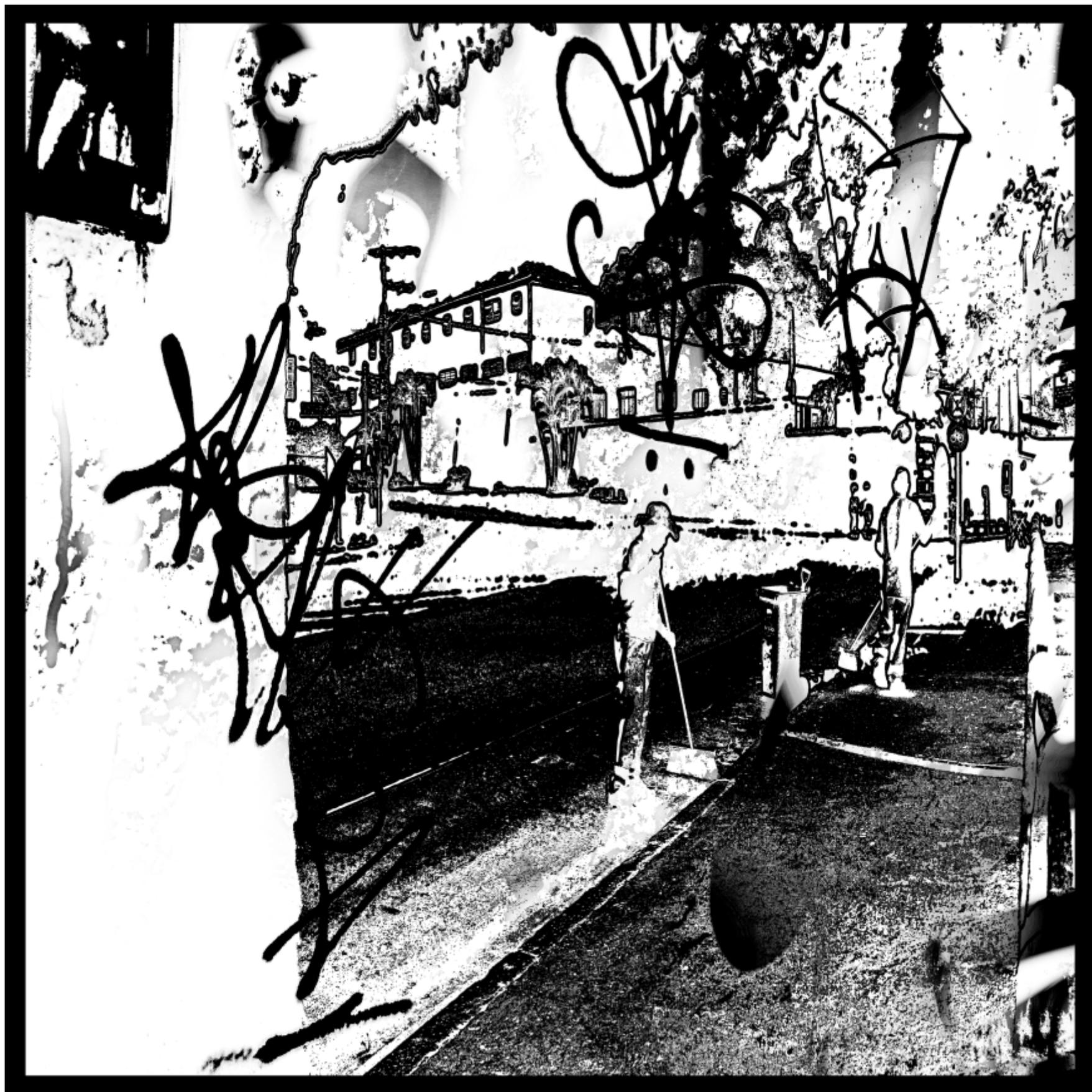
perda de massa

encolhimento soturno

retração arredia

que cala e não sacia

na vida breve



brisa leve

gás de veludo

nos ossos dos mortos ... vivos

eretos, retos

pulso de falo

que o vento arrasta

arrefecia

que mostra a cara

logo se esquivava

noite que se tece

cauterizando a vida

em luto minuto

no vago específico

circunflexo, circunscrito

no metano urbano

altamente inflamável

biogás anaeróbico





vulcão de lama  
no fluxo humano  
de emergentes, delinquentes  
em cálido pus  
amarelo Van Gogh  
desamarrados, destravados  
à beira-cais  
sem leme nem velas  
fosca bola de cristal  
tosca vida no arrebol  
na barra do dia  
escura e fria  
que segue fatal  
na pressa da feira  
de uma vida inteira  
sem nexo, conexo



tudo é duplo  
tudo tem dois polos  
regime de vibração  
embaciado cintilante  
bafejo desamparo  
piche fétido  
luxo límpido  
extremos tangenciados,  
serpente bíblica  
que desabou  
do CÉU!!!





# SUMÁRIO

---

 APRESENTAÇÃO



INVISÍVEIS I



INVISÍVEIS VII

 POEMA



INVISÍVEIS II



INVISÍVEIS VIII

 CONTATOS



INVISÍVEIS III



INVISÍVEIS IX

 BIBLIOGRAFIA



INVISÍVEIS IV



INVISÍVEIS X



INVISÍVEIS V



INVISÍVEIS XI



INVISÍVEIS VI



INVISÍVEIS XII



INVISÍVEIS XIII



INVISÍVEIS XIX



INVISÍVEIS XXV



INVISÍVEIS XIV



INVISÍVEIS XX



INVISÍVEIS XXVII



INVISÍVEIS XV



INVISÍVEIS XXI



INVISÍVEIS XXVII



INVISÍVEIS XVI



INVISÍVEIS XXII



INVISÍVEIS XXVIII



INVISÍVEIS XVII



INVISÍVEIS XXIII



INVISÍVEIS XXIX



INVISÍVEIS XXVIII



INVISÍVEIS XXIV



INVISÍVEIS XXX



## CONTATOS

[braune.fernando@gmail.com](mailto:braune.fernando@gmail.com)

[fernandobraune.com](http://fernandobraune.com)

+5521 997 761 967

Todos os direitos reservados ao autor.

Design Gráfico por DfD - Dinho Fonseca Design

[dinhofonseca.com](http://dinhofonseca.com)

Impresso no Rio de Janeiro/Brasil em novembro de 2017.





FERNANDO BRAUNE

**Fernando Braune** é artista visual e engenheiro químico, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participou de diversos cursos relacionados à Crítica de Arte, Filosofia da Arte e História da Arte.

### **Principais exposições**

Parallax Art Fair, Londres; Agora Gallery, Nova Iorque;  
Galeria de Arte Colorida, Lisboa; Mestre em Arte Contemporânea, Florença; III Bienal Internacional de Fotografia da Catalunha, Barcelona;  
Galeria Monteoliveto, Nice; Feira de Arte de Nice Acrópole;  
Art 3F Mulhouse; AAF Milano 2015 - Milão; ARTE MONACO'15 - Mônaco;  
AAF ESTOCOLMO - ESTOCOLMO; Galeria PAKS, Carrousel du Louvre (Paris);  
Spazio Tadini (Milão); Galerie Etienne de Causans (Paris);  
Arte latino-americana - Milão; Duetto Arts - Nova Iorque;  
Centro Cultural do Tribunal Federal (Rio); Centro Cultural Energisa (N.F. - Rio);  
Galeria de Fotos da UFF (Niterói - R.J.); Museu de Ingá (Niterói);  
Museu Nacional de Belas Artes (Rio); Centro Cultural Justiça Federal (Rio).

### **Prêmios Especiais**

"ARTE LATINO-AMERICANA" em Milão, Itália (junho de 2016)  
"PRÊMIO NÁPOLES PARA A ARTE CONTEMPORÂNEA" (2014)

### **Autor dos livros**

"O Surrealismo e a Estética Fotográfica"  
"O Cinema e Linguagem Fotográfica"  
"Temporalis"  
"Querubins de Grotta"

Trabalhos publicados em várias revistas internacionais e livros de arte.







INVEST  
ES  
VEI  
S



FERNANDO BRAUNE